

CB
20/4/97 2
Xavante Epimé 2510

Ronaldo de Oliveira



O pajé Titomowê, dos xavantes, com borduna à mão, exhibe, ao lado de faixas, a bandeira do Brasil na manifestação pelo Dia do Índio em frente à sede da Funai

Protestos no Dia do Índio

Guerreiros de vários grupos indígenas fazem protesto em frente à sede da Funai e pedem a demissão do presidente Julio Gaiger

Ana Júlia Pinheiro
Da equipe do Correio

O cacique Aniceto Tsudzaweré e o pajé Titomowê sentaram-se lado a lado no gramado da sede da Funai para puxar a Dasiwaiwê, canção do luto. Apenas os jovens guerreiros podiam acompanhá-los, como manda a tradição indígena. Esses ficaram de pé, atrás dos dois líderes, segurando faixas de protestos pelo Dia do Índio, preparadas por representantes das nações Xavante, Guajajara, Krati, Terena e Bororo.

A canção tomou menos de 10 minutos do ritual de luto pela agressão sofrida por 20 índios que ocuparam a sede da Funai por cinco dias. Eles foram expulsos à força por agentes da Polícia Federal, na madrugada do último dia 11. Sete guerreiros presos durante a desocupação denunciaram que apanharam dos policiais na delegacia. Os laudos do Instituto Médico Legal confirmam a denúncia, mas a polícia exibiu co-

mo prova de inocência uma carta assinada pelo cacique Aniceto, em que ele, supostamente, negava a agressão. "Eles obrigaram eu a assinar a carta", garante Aniceto Tsudzaweré, cacique Xavante.

Quando cessou a canção do luto, o índio Pinitawe não traduziu a música, mas explicou o sentido. "Eles avisam que quem se atrever a lutar contra os índios daqui por diante vai perder a carne e o espírito", disse ele. Pinitawe foi guerreiro Xavante na juventude e hoje, com quase 40 anos, tem status de conselheiro, homem chamado a opinar nos problemas da tribo. "O pajé trouxe a força dos espíritos que perdemos nos últimos dias. Ele está cheio de veneno".

Titomowê, o pajé, pouco fala português. Para simbolizar seu respeito ao país, envolveu o próprio tronco com a Bandeira Nacional. Estava com a franja do cabelo e o corpo pintados de vermelho. E vestia um short de algodão da mesma cor, que significa força na sua cultura.

DIMINUTIVO

Os índios promoveram a invasão da semana passada e o protesto de ontem para exigir a imediata demissão do presidente da Funai, Júlio Gaiger, a quem se referem como Julinho. "Julinho porque é moleque, menino e incompetente. Não sabe administrar nada", explica Aniceto Tsudzaweré.

O cacique Aniceto afirma que faltam remédios nas tribos para curar as doenças que os índios desenvolvem depois de entrar em contato com a civilização. "Nariz entupido, tosse e diarreia de sangue que matam", descreveu. Ele acusou o governo federal e Gaiger de nada fazerem pela demarcação das terras indígenas ou para proteger as reservas da ação predadora dos madeireiros e garimpeiros. E também de não promover o acesso dos índios às universidades.

O índio xavante Tseredzatsu Abhödr é um exemplo disso. Ele tem 24 anos e terminou o segundo grau em 1995 no colégio Elefante Branco, na Asa Sul. Há dois anos faz vestibular para Direito na Universidade de Brasília mas nunca foi aprovado. A faculdade particular está fora dos seus planos porque não pode pagar as mensalidades. "O Governo deveria dar bolsa. As nações indígenas precisam formar médicos, agrônomo-

mos e engenheiros para trabalhar nas tribos", explicou ele.

No final da cerimônia foi distribuída uma carta à nação, assinada por 40 tribos e cinco organizações de defesa das populações indígenas. No último trecho do manifesto está escrito: "Um dia o governo FHC passará e nós vamos continuar, mesmo que seja para recolher cada pedaço tirado de nós".

CARTA

Em carta aberta, os índios dizem: "Há uma semana do 'Dia do Índio' do ano de 1997, os povos indígenas do Brasil levantam sua voz de lamento aos quatro ventos do mundo. Pela primeira vez na história do índio nesse país, o governo de Fernando Henrique Cardoso manda a Polícia Federal invadir a Funai, entidade criada para a proteção aos direitos indígenas, para prender e intimidar sete jovens guerreiros do povo xavante, que, tão logo souberam do ocorrido, foram à sede da Polícia Federal para resgatar, como guerreiros que são, seus jovens, quase gerando um derramamento de sangue em plena Brasília.

Ao ocupar desde 2ª feira a sala da presidência da Funai, os índios reivindicavam de forma pacífica a demissão do atual presidente do órgão Julio Gaiger".